

Não há civilização sem florestas

A devastação das florestas mostra o lado 'primitivo' das sociedades contemporâneas

Príncipe Charles



Beatriz

No momento em que preparava este texto, devo confessar que fui dominado por um forte sentimento de que não há nada de novo a ser dito sobre as florestas tropicais. Isto porque são tantas as pessoas mais capacitadas e experientes do que eu que parecem ter dito tudo. No entanto, devemos admitir que quanto mais examinamos o assunto mais complexo ele se torna, e mais perturbadoras são as suas ramificações. A pouca experiência que tenho das florestas tropicais (na Venezuela e no Brasil) serviu para encorajar meus esforços no sentido de atrair ainda mais a atenção das pessoas para o precário estado delas, e para a inimaginável perda que a humanidade sofrerá se nós não tivermos capacidade nem disposição para concordar a respeito de medidas racionais destinadas a parar a sua destruição.

Para aquelas pessoas, dotadas de coragem e visão, que vêm tentando há muito tempo advertir-nos sobre problemas ambientais, uma das mais emocionantes mudanças ocorridas nos últimos anos foi o feliz aumento numérico dos que compartilham suas idéias. As razões para isso, na minha opinião, são muitas. Mas a mais importante me parece ser uma crescente conscientização do fato de que nós fazemos parte da última geração que pode efetivamente salvar as florestas tropicais da completa destruição. Se nós não agirmos agora, certamente não haverá muitas florestas para preocupar nossos filhos. A frase "agora ou nunca" jamais foi utilizada com tão assustadora propriedade como quando aplicada à tarefa de salvar as florestas tropicais.

Antes de olhar para os muitos fatores que estão levando a essa devastação, gostaria de dizer o quão importante é saber reconhecer a legitimidade de pontos de vista diferentes. Antes dos países industrializados começarem a jogar toda a culpa sobre os países em desenvolvimento, todos precisam perguntar-se em quantos casos o processo de deterioração foi iniciado pelas ações de indivíduos ou companhias dos próprios países industrializados. Estes países devem também reconhecer o peso que o subdesenvolvimento e a pobreza têm na inabilidade dos países em desenvolvi-

mento para tratar seus recursos naturais e para tomar medidas em favor do meio ambiente. Por centenas de anos as nações industrializadas do mundo exploraram, poderíamos até dizer pilharam, as florestas tropicais em busca de suas riquezas naturais. Chegou o tempo de elas repararem isto, e o mais rápido possível.

Quando falamos a respeito das florestas tropicais, estamos falando da morada de muitos milhões de pessoas de dezenas de países. O ato de mostrar ansiedade diante dos problemas das florestas deve ser feito de maneira a mostrar também respeito pela soberania dos povos que nelas, ou nas suas proximidades, habitam, assim como compreensão pelas suas necessidades. Os cidadãos dos países ricos precisam também, além disso, examinar suas próprias consciências. Devem lembrar os danos que seus países, através principalmente de suas indústrias, têm causado a muitas regiões selvagens em seus próprios territórios e nos alheios. Poderia até citar um caso grave de devastação, aqui no Reino Unido, especificamente na Escócia.

Me parece importante começar qualquer discussão sobre as florestas tropicais olhando para as populações que dependem diretamente delas para sobreviver. Aí eu incluo tanto as populações indígenas quanto os colonos mais recentes. É claro, porém, que a prioridade deve ser dada aos remanescentes dos povos tribais para quem as florestas tropicais têm sido um lar por muitas gerações. A história dos sofrimentos desses povos já foi contada muitas vezes, e é um história da qual todos devem se envergonhar profundamente.

Desde a chegada dos primeiros exploradores espanhóis e portugueses à América do Sul, e dos ingleses ao Caribe, os povos dos chamados "países desenvolvidos" sempre trataram os povos tribais como selvagens, seja para escravizá-los, dominá-los, "civilizá-los", ou convertê-los as crenças religiosas européias. Ainda hoje, os yanomami no Brasil estão sendo extintos por vários tipos de doenças *civilizadas* (como as venéreas), por envenenamento com mercúrio, seguidos por invasões das suas terras por garimpeiros. Desta forma o terrível genocídio continua.

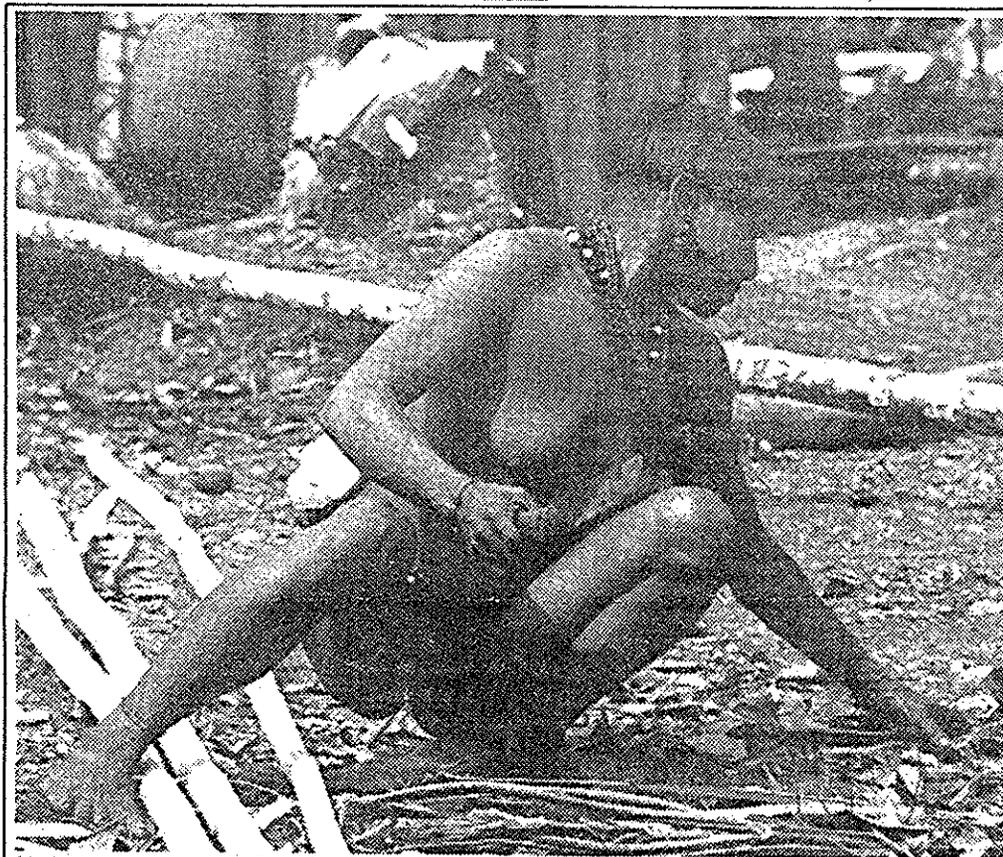
Mas não são apenas os que dependem diretamente das florestas tropicais que sofrem com a devastação. Toda a população dos países com florestas tropicais sofre com o desequilíbrio climático provocado pelas devastações, e com outras conseqüências, como enchentes e secas. E também os países industrializados, cada vez mais nós descobrimos, sofrem mesmo que distantes milhares de quilômetros das devastações.

Acho que não é exagero afirmar que toda a humanidade se beneficiará se o que resta das florestas tropicais for salvo. Cientistas podem discordar a respeito da extensão do fenômeno conhecido como *aquecimento global*, mas poucos atualmente duvidam da sua existência, ou do papel das florestas tropicais na manutenção do equilíbrio natural do planeta. Eu leio as últimas estatísticas sobre a devastação com um aperto no coração. Vocês já notaram como há uma

mania de inventar pequenas comparações a respeito destas devastações: a cada ano dois terços do território do Reino Unido (Inglaterra, Gales, Escócia e Irlanda do Norte) são perdidos em florestas tropicais. Isso é o equivalente à perda da área de seis campos de futebol por minuto!

Mas é claro que tais jogos estatísticos não podem distrair-nos do problema, e sim levar-nos a lutar mais em busca das suas razões e de soluções. As causas da devastação variam de região para região, mas não há dúvida de que a principal é o estado de pobreza das populações que vivem nas proximidades das florestas tropicais nos países em desenvolvimento, assim como a inexorável pressão do crescimento demográfico. Mais de dois bilhões de pessoas vivem nas zonas das florestas tropicais. Nesses lugares a população cresce à uma taxa de 2,5 % ao ano, e para essas pessoas a floresta é uma

Arquivo



"As comunidades indígenas têm tecnologia própria para explorar até 78% das espécies de árvores nas áreas onde vivem. Chamá-las de 'primitivas' é perverso e paternalista"

fonte importante de suprimento das necessidades básicas, sobretudo como terra para agricultura.

Enquanto o madeireiro profissional e o criador de gado causam muita destruição, freqüentemente até com a ajuda de incentivos fiscais e outros tipos de subsídios do governo, o seu impacto combinado é apenas parte daquele causado pelo cultivador nômade. Estas pessoas são em geral camponeses sem terra que se vêem expulsos de áreas de cultivo tradicionais e são obrigados a deixarem suas raízes, juntarem suas poucas possessões e mudarem-se para as únicas áreas ainda relativamente pouco ocupadas: as florestas.

A limpeza da terra para o cultivo por parte dessas pessoas é quase sempre feita pelo método *cortar e queimar*, que leva a um grande aumento da emissão de gases provocadores do *efeito estufa* na atmosfera.

O Dr. Richard Houghton, do *Woods Hole Research Centre*, de Massachusetts, Estados Unidos, estima em cerca de 14 bilhão de toneladas extras de dióxido de carbono produzidas desta maneira todos os anos. E a isto podemos acrescentar outros gases, também emitidos durante essas *queimadas*, como o metano e o óxido nítrico, que dão sua contribuição ao *aquecimento global* em cerca de 18 ou 19 por cento

Charles, Príncipe de Gales, o primeiro na linha de sucessão ao trono do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, é formado em História pela Universidade de Cambridge e associado a diversas sociedades ambientalistas internacionais. Este artigo foi escrito para uma conferência no Royal Botanic Gardens de Londres e adaptado para Idéias/Ensaaios.

Com a devastação das florestas agora na boca de todos os políticos, nós certamente seríamos levados a pensar que a sua solução estaria próxima. Duas novas organizações internacionais (*International Tropical Timber Organisation* e *Tropical Forestry Action Plan*) foram estabelecidas nos últimos oito anos com o único objetivo de lutar pela solução dos problemas das florestas. Mas na verdade a devastação só fez acentuar-se desde a criação de ambas.

A *International Tropical Timber Organisation* tem um papel único de reunir consumidores e produtores de madeira de árvores tropicais. Ela deveria ter um papel-chave no desenvolvimento de regras de consenso sobre como as florestas devem ser usadas de forma sustentável, embora eu reconheça que esta é uma tarefa de dimensões gigantescas. Eu também me incluo entre aquelas pessoas que acham bastante perturbador o fato de que nada é mencionado, em nenhum dos acordos já estabelecidos através da organização, dos direitos e necessidades dos habitantes indígenas das florestas.

Sob o Plano de Ação de Florestamento Tropical, doadores podem ajudar países em desenvolvimento a traçar planos nacionais de ação e assim prover a ajuda técnica e financeira necessárias à implementação desses planos. Mas para ser realmente efetivo, um plano nacional precisa prestar mais atenção às necessidades, às habilidades e à sabedoria das comunidades locais e dos povos das florestas.

Está claro que nós devemos fazer o possível para ajudar essas organizações, e ter como objetivo maior torná-las o mais efetivas possível, mas elas não têm mostrado muita inclinação para olhar além das florestas apenas. Como há muitas situações nas quais o melhor uso das florestas pode ser realmente na direção de produtos que não sejam a madeira (raízes, frutos, seivas, sementes), e como muito da pressão sobre as florestas é resultante de políticas sociais e agrícolas muito além dessas mesmas florestas, parece que aqui temos um caso exemplar para uma abordagem mais ampla e multidisciplinar.

Talvez tenha chegado o melhor momento para um acordo internacional ou para uma convenção sobre as florestas tropicais de todo o mundo. Nós já temos uma série de convenções e protocolos que protegem o meio-ambiente marinho, a camada de ozônio e a atmosfera, com variáveis níveis de efetividade. Porém, para nossa fonte comum mais preciosa não temos nada.

Qualquer convenção deste tipo deveria começar reconhecendo tanto a urgência da situação, quanto a necessidade de um ação paralela por parte das nações industrializadas no sentido de reduzir as suas emissões de dióxido de carbono resultantes seja de geradoras de energia movidas a combustível fóssil, seja dos seus sistemas de transporte. Me parece que os objetivos essenciais de uma convenção separada sobre as florestas tropicais deveriam ser os seguintes:

- Estabelecer uma lógica para uso sustentável.
- Manter processos ecológicos e físicos essenciais à manutenção dos climas local, regional e global.
- Manter a máxima diversidade biológica.
- Definir os direitos fundamentais dos habitantes das florestas.
- Preparar alvos para o reflorestamento.

- Estabelecer mecanismos de compensação para países que sofram perdas financeiras devidas ao controle da destruição das suas florestas.

- Estabelecer mecanismos de financiamento para arcar com os custos destas compensações.

É claro que isto é um desafio massivo, mas me parece que nós não podemos mais simplesmente continuar falando da necessidade de proteger as florestas tropicais do mundo, e não criar os tipos de instituições e mecanismos que tornarem isto de fato possível. É óbvio que nada do que temos atualmente ao nosso dispor é capaz de realizar essa tarefa.

Para demonstrar a escala do problema podemos examinar a possibilidade de interromper o fluxo de cultivadores nômades sem terra para as florestas, já que este fluxo é a principal causa das devastações. Como veremos, tal possibilidade é, atualmente, remota, e a tendência é, ao contrário, no sentido do aumento do fluxo. Três são os fatores que indicam nesta direção. Primeira-

mente, os países com florestas tropicais vão prover a maior parcela do crescimento demográfico mundial no futuro próximo. Pelas taxas atuais de crescimento, serão mais três bilhões de pessoas nos próximos 40 anos. Em segundo lugar, formas alternativas de subsistência para os camponeses sem terra estão se tornando cada vez mais limitadas pelo desemprego. Os países em desenvolvimento precisam gerar 600 milhões de empregos (tantos quanto são os empregos existentes no mundo industrializado hoje) nos próximos vinte anos para acomodar todos os recém-chegados ao mercado de trabalho. Em terceiro lugar, há uma perspectiva cada vez menor de que os países com florestas tropicais possam investir capital suficiente na criação de empregos, enquanto tiverem que manter um fluxo contínuo de fundos em direção dos países industrializados. Só em 1989 essas nações pagaram US\$ 52 milhões a mais aos países industrializados, na forma de serviço da dívida, do que receberam em forma de ajuda ou outros pagamentos.

Muitas pessoas nos países ricos se preocupam com as florestas pelo seu imenso valor para a humanidade. Mas a mesma situação parece bem diferente do ponto de vista de um país em desenvolvimento lutando contra problemas como pobreza, desemprego e a cruel pressão para pagar juros sobre empréstimos do mundo industrializado. Não é surpreendente que tais países sejam forçados a recorrer às suas florestas como desesperada fonte de recursos.

As falas do Príncipe

Dívida Externa

Eu realmente não vejo como os países industrializados devam esperar que os países do Terceiro Mundo tenham um desenvolvimento sustentável enquanto estiverem enfrentando o desafio de pagar juros enormes sobre a sua dívida.

Boicote

Gostaria de sugerir o boicote à compra de madeira proveniente das florestas tropicais.

Compensação

Precisamos estabelecer mecanismos de compensação para países que sofram perdas financeiras com o controle da destruição das suas florestas.

Modelo

O modelo de exploração estabelecido pelas nações européias colonizadoras, "obter o máximo de lucro no menor tempo", tornou os países colonizados vulneráveis e dependentes.

Arrogância

A idiotice de tentar eliminar a diversidade das florestas em favor da monocultura exemplifica a arrogância do mundo ocidental nas suas relações com o mundo natural.

Pilhagem

Por centenas de anos as nações industrializadas pilharam as florestas tropicais em busca de suas riquezas.

Colonização

Desde a chegada dos espanhóis e portugueses à América do Sul, e dos ingleses ao Caribe, os povos dos chamados "países desenvolvidos" sempre trataram os povos tribais como selvagens, seja para escravizá-los, dominá-los, "civilizá-los", ou convertê-los às crenças religiosas européias.

Devastação

A cada ano dois terços do território do Reino Unido (Inglaterra, Gales, Escócia e Irlanda do Norte) são perdidos em florestas tropicais. Isso é o equivalente à perda da área de seis campos de futebol por minuto!

Indígenas

A história do sofrimento dos povos tribais é algo de que todos devem se envergonhar profundamente.

Pobreza

A principal causa das devastações é a pobreza das populações que vivem próximas às florestas.

Cultura

Os índios tucano do Alto Rio Negro conhecem 140 variedades de mandioca! Comparado a isso, nosso conhecimento de não mais de uma dúzia de espécies é extremamente primitivo.

Mas felizmente as florestas são cada vez mais encaradas como uma grande esperança de desenvolvimento econômico se conservadas, e não derrubadas. Não se trata de promover um ideal pastoral por oposição ao progresso econômico, mas de conciliar as necessidades humanas com a inestimável, porém finita, riqueza do nosso planeta.

Mas buscar o aproveitamento das florestas sem derrubá-las não é tarefa das mais fáceis, em vista do modelo de exploração estabelecido há centenas de anos pelas nações européias colonizadoras. Este modelo é baseado na máxima "obter o máximo lucro no menor tempo", e transformou os colonizados em meros fornecedores de produtos naturais para consumo imediato (frutas, café, chá) ou matéria-prima para as indústrias européias (como no caso da borracha). Tal sistema tornou esses países vulneráveis e dependentes, pois tais produtos são muito sensíveis às flutuações de mercado, que, em todos os casos, são controlados pelos países ricos.

A solução para a situação seria então tentar estabilizar os preços dos produtos dos quais dependem esses países, ou melhor, colocá-los em condições de processar seus produtos naturais. Desta forma, um certo nível de exploração sustentada poderia gerar uma renda consistente.

As discussões que tenho mantido com especialistas em todo o mundo levaram-me à conclusão de que a extração de madeira é sempre insustentável, tão grande é o dano causado até quando a derrubada de árvores é feita de forma conscienciosa e seletiva. Isto me foi confirmado pela própria *International Tropical Timber Organisation*, assim como pelo fascinante, porém deprimente, estudo do *International Institute for Environment and Development*, sobre a verdadeira extensão da exploração sustentável das florestas que está sendo feita em diferentes partes do mundo.

Mas mesmo que os países fossem capazes de implementar sistemas de administração que não reduzissem irreversivelmente o potencial das florestas para produzir madeira para o mercado numa base sustentável, isto ainda não seria o melhor uso para as florestas. Os mais eficientes sistemas de produção sustentável de madeira ainda assim implicam em drásticas modificações na ecologia das florestas, eventualmente reduzindo-as a uma sombra da sua original riqueza e diversidade. Na verdade estamos falando de plantações como café ou cana usando outro nome.

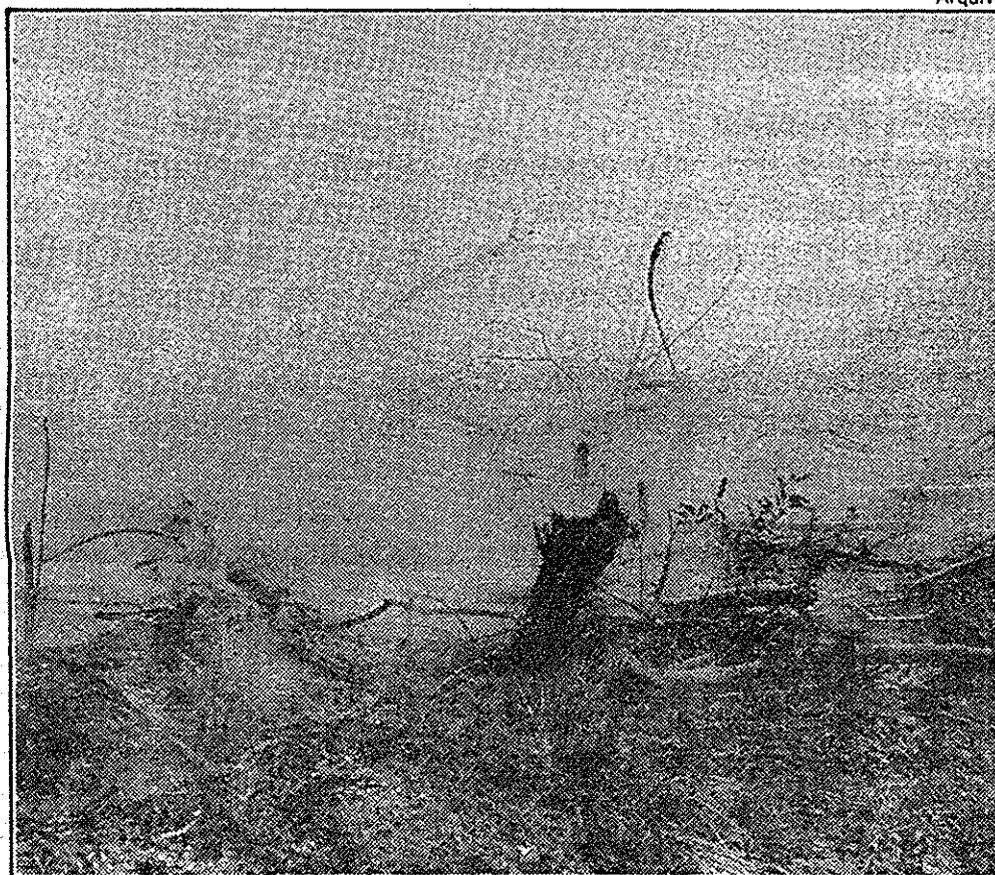
Neste estágio, com as florestas tropicais sob tal risco, seria bem mais sensato trabalhar pela restrição da extração da madeira a florestas secundárias, florestas que já tenham sido bastante devastadas. Poderíamos então esperar um futuro em que as necessidades de madeira seriam providas de plantações estabelecidas em vastas áreas de terras já degradadas. O potencial aqui é grande, e como incentivo acho que nos basta a ameaça do aquecimento global. O melhor meio de combater o aumento de dióxido de carbono na atmosfera é o reflorestamento. E o melhor lugar para executá-lo é nos trópicos úmidos. Desta forma, deve ser do interesse, tanto dos países industrializados quanto dos em desenvolvimento promover, o mais entusiasticamente possível, esquemas de reflorestamento.

Mas o problema de confrontar utilização sustentável com a mera e simples destruição continua. Se até a ciência econômica convencional, sem falar no senso comum e na sabedoria nativa, indicam que a primeira

hipótese é mais interessante economicamente, por que insistimos na segunda?

Me parece que o problema está nos diferentes mercados envolvidos. A demanda por madeira é internacional, rendendo valiosa moeda forte para os países que a vendem. Já a demanda por outros produtos das árvores, que não sejam a madeira (raízes, frutos, sementes, seivas etc), é regional e local, e assim menos importante no balanço contábil desses mesmos países.

Ao tentar determinar o que é possível e, mais importante, o que é sensato, a respeito das florestas tropicais, precisamos descobrir o que a Natureza nos permite, e trabalhar dentro dos limites que ela nos impõe. A história da *Fordlandia* no Brasil me parece exemplar. Aqui a afoita energia da indústria americana, ajudada por concessões do governo brasileiro, não conseguiu estabelecer uma plantação de



"As queimadas causam um grande aumento do efeito estufa pelo lançamento de cerca de 1,4 bilhão de toneladas de dióxido de carbono na atmosfera"

borracha viável, simplesmente em razão de ignorar algumas leis básicas da natureza. Em 1927, Ford adquiriu o que foi descrito como "um planalto fértil coberto por belas e altas árvores". Em 1929 ele tinha limpado quase 1 mil e 500 acres, mas o projeto falhou porque as sementes não germinavam. O problema foi um ataque de fungos, nada sério quando este tipo de árvore cresce na selva, mas devastador quando ela cresce como monocultura.

Esta história sublinha um fator crucial no nosso modo de encarar as florestas tropicais, assim como muitos outros desafios do meio-ambiente. Este fator é a importância de trabalhar com as tribos indígenas, e respeitá-los pelo seu conhecimento e experiência das florestas. Séculos de observação e testes naturais tornaram seu julgamento tão rigoroso quanto qualquer teste de laboratório. No entanto, comunidades locais são quase sempre ignoradas durante a tomada de decisões a respeito do ambiente em que vivem e que conhecem melhor que os *especialistas*.

Estudos em comunidades indígenas no Brasil e Venezuela mostram que elas aproveitam até 78 por cento das espécies de árvores nas áreas em que vivem — e existin-

do nestas regiões até 1 mil e 200 espécies numa área do tamanho de um campo de futebol, isto não é feito pequeno. Os índios tucano do Alto Rio Negro conhecem 140 variedades de mandioca! Comparado a isso, nosso conhecimento de não mais de uma dúzia de espécies é extremamente primitivo. Esses povos são perfeitos cientistas do meio-ambiente, e chamá-los de "primitivos" é perverso e paternalista.

A diversidade dentro das florestas tropicais é estonteante, e a idiotice evolucionária de tentar eliminá-la, substituindo-a por monoculturas de vida curta, exemplifica a arrogância do mundo ocidental nas suas relações com o mundo natural. Mas quão encorajador é ver botânicos e biólogos na vanguarda dos esforços internacionais promovendo a idéia das reservas extrativas. Será, sem dúvida, um grande desafio para todos, e isto precisará ser feito de modo a beneficiar prioritariamente as comunida-

des locais. Não pode haver superexploração das reservas extrativas, nem ruptura das culturas locais. Nós precisamos cada vez mais ampliar o processo de estabelecimento de parques nacionais, reservas ecológicas e outras áreas de conservação.

As florestas tropicais têm uma voz própria. Mas é apenas um suspiro, difícil de ser ouvido sob o ruído ensurdecido das serras elétricas. Gostaria ainda de sugerir medidas como o boicote à compra de madeira proveniente das florestas tropicais. O ideal seria comprarmos apenas madeira das reservas extrativas, mas devo reconhecer a dificuldade de distinguir uma da outra até que haja um real controle por parte dos governos. Neste aspecto é importante o papel a ser desempenhado por arquitetos e autoridades no sentido de evitar o uso de madeira em construções, sempre que possível substituindo-a por alternativas adequadas. Da minha parte, acredito em medidas de longo prazo, e assim já reservei uma área onde comeci de fato a plantar algumas árvores que me darão madeira em cerca de 70 anos...

Mas o mais importante de tudo é achar uma solução para o peso da dívida externa sobre os países em desenvolvimento. Realmente não vejo como os países industrializados possam esperar que os países do Terceiro Mundo tenham um desenvolvimento sustentável enquanto estiverem enfrentando o desafio de pagar juros enormes sobre a sua dívida. Por outro lado, quando as nações ricas prestam alguma ajuda, elas têm o direito de esperar que o dinheiro seja gasto de forma sábia.

Está claro que o desafio econômico e político de proteger o que resta das florestas tropicais do planeta é enorme. Sobretudo se nós não nos conscientizarmos de que para enfrentá-los precisamos de mais do que novas técnicas de administração e mecanismos de financiamento. Precisamos de uma nova *atitude* em relação à Terra, e uma filosofia menos arrogante e mais voltada para o próprio homem. Nós precisamos desenvolver uma reverência para com a Natureza.

Eu acredito que as florestas tropicais são a fronteira final da humanidade em muitos sentidos. Nossos esforços para protegê-las determinarão não só a qualidade de vida e a segurança econômica das gerações futuras, mas testarão ainda o limite da nossa disposição para abandonar a arrogância que causou tanto dano ao meio-ambiente. Eles testarão também nossa disposição para tornar-nos genuínos protetores de todas as formas de vida da Terra. Não só da sua pequena parcela humana.

Tradução: João Domenech Oneto